

### Adolescência e Tecnologia **Adolescence and Technology**

Celso Halperin<sup>1</sup>

Para tentar entender a relação da tecnologia com o adolescente, e na verdade com todos nós, gostaria de pensar um pouco na relação do homem com a realidade.

Quando pensamos em realidade, geralmente relacionamos com o conceito de realidade moderna. A realidade, nesse sentido, tem uma estreita relação com a natureza, com o que é natural. As coisas como são. A pedra, a madeira, a carne, o homem etc. Em termos de realidade moderna, as coisas têm uma origem e um fim, um passado e um futuro, uma continuidade e uma racionalidade.

Ocorre que essa realidade aqui descrita tem um sério problema: ela é sempre incompleta, limitada, finita. Ela nunca abrange a totalidade. Ela vive provocando frustração, principalmente pelas suas dimensões de espaço e tempo. Pelos caminhos naturais, uma cidade como o Rio de Janeiro seria muito distante, pois precisaríamos percorrer toda a distância a pé. Imagina chegar na Rússia, ou na China? Por outro lado, o tempo que demandariam tais deslocamentos seria muito grande em relação ao tempo de vida. Enfim, a realidade ligada ao natural nos traz muitas limitações.

Mas o homem nunca se contentou com a realidade estritamente natural. O jacaré sim. O jacaré se contenta em conseguir suas presas, se alimentar, procriar e cuidar para não ser morto. O leão, da mesma forma. Uma flor se preocupa em ser bonita ou ter outros atrativos para facilitar o processo de polinização e assim se procriar. A pedra se preocupa somente em seguir sendo pedra, já que sua especialidade é durar. Mas nós humanos, não. Nós temos uma outra especialidade: temos a especialidade de pensar. E com esse instrumento que possuímos, a capacidade de pensar, não ficamos satisfeitos, ao longo da história, em apenas viver a realidade natural. Começamos, pela capacidade de pensar, a tentar melhorar nossa qualidade de vida e vimos que para isso poderíamos expandir a realidade, a criar onde a natureza é

---

<sup>1</sup> Psicanalista (Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre).

## Conferências

limitada. Nesse sentido, surge a Arte, onde o homem começa, por exemplo, a desenhar não só a natureza com que convivia, mas também seus deuses, seus desejos, suas fantasias, suas belezas e deslumbramentos. Ou seja, a realidade já não bastava. Com a capacidade de pensar, passamos não só a conviver com a realidade natural, mas passamos também a inventá-la. Assim como inventou essa expansão da realidade pela arte, digamos, visual, fez o mesmo com as palavras, com a música. Foi além, passou a desenvolver o símbolo para representar não só o que existe, como também o que não existe. A linguagem é o maior exemplo disso. Através do símbolo, a realidade foi se expandindo a ponto de, hoje, a realidade que chamávamos de moderna se desenvolve, se complementa com o que se chama de hiper-realidade, já não mais a realidade própria da modernidade, mas sim uma realidade que também atenda as demandas dos tempos atuais, não mais modernos, mas pós-modernidade.

Mas o que é hiper-realidade? Hiper-realidade é o mundo como representação. Tomo aqui o exemplo clássico do McDonald's: o que é consumido é o símbolo do McDonald's, não a realidade do hambúrguer em si, ou dos produtos de que é feito o hambúrguer (a natureza do pão, da carne, do azeite, dos molhos etc.). O que é consumido é a representação do hambúrguer, é o próprio McDonalds, ou mais do que isso, o que é consumido é o M característico do McDonald's. O mesmo raciocínio serve para uma marca X de roupa, de carro, e assim por diante. Não estou querendo dizer aqui, como é muito colocado pelos pensadores pós-modernos, que a natureza de um produto ou uma situação fica preterida em função da promessa de realidade de um símbolo. Ou que haja a supremacia da representação em detrimento do real. Mas, sim, que está havendo uma expansão da realidade. A realidade já não abarca mais só o mundo natural, e sim se expande pelo mundo dos símbolos e representações, principalmente porque a realidade natural não dá conta de tudo aquilo que pensamos e imaginamos. Na verdade, essas duas realidades se complementam ou, melhor dizendo, são uma só. Mas só agora estamos em condições de entrar em contato com a hiper-realidade. Como se fosse uma parte do universo recém-descoberta, que sempre existiu, mas só agora fôssemos capazes de percebê-la.

A expansão do mundo de representações de que estamos falando, somada ao desenvolvimento da tecnologia obtida graças a nossa maravilhosa capacidade de pensar, se relaciona intimamente com o desenvolvimento da realidade virtual, que é, em última instância, a realidade habitada por representações criadas tecnologicamente. Graças a essa expansão

## Conferências

tecnológica da realidade + hiper-realidade, desenvolvida e muito aproveitada pelo mundo virtual, muitas novidades ocorreram que chegam em cheio nos adolescentes: jogos interativos muito rápidos e dinâmicos (alguns, mais modernos, com a interação com o local em que o jogador está), formas ultradinâmicas de comunicação e interação, como as redes sociais, acesso infinito às informações pelo Google, Wikipédia, agora o WikeLeaks etc. Enfim, em muito pouco tempo, no espaço de uma geração ou duas, houve uma grande mudança na realidade. A realidade dos nossos filhos é muito diferente, muito maior que a nossa. Mas é a realidade que aí está.

E aqui temos uma questão que, a meu ver, é central para o tema proposto: como se dá o contato, a relação entre a subjetividade do adolescente e essa nova realidade de que estamos falando? Como ficamos a adolescência e todos nós frente a essa expansão da realidade?

Acho que esse processo, de como se dá a integração entre nossa subjetividade, desde o bebê, passando pela adolescência e durante toda a vida, enfim, com a realidade que vai se apresentando, é genialmente explicada por Winnicott. Resumidamente, ele nos fala o seguinte: Imaginemos um bebê (ou adulto) com uma necessidade. Essa pessoa teria, em algum nível, a capacidade de criar uma fantasia que poderia dar conta dessa necessidade. Pode ser fome, atenção, proteção etc. Ao se deparar com algo que satisfaça sua necessidade, essa coincidência entre imaginar que algo vai satisfazer e a satisfação encontrada naquilo que lhe foi apresentado provoca no indivíduo a mágica, a ilusória sensação de ter criado (e na verdade criou) o objeto que lhe trouxe a satisfação imaginada. Aqui, temos um encontro entre a fantasia e a realidade, que não se distinguem uma da outra num primeiro momento; há uma simultaneidade que permite ao indivíduo sentir que a realidade foi criada por ele (e aqui vem o paradoxo do concebido e encontrado simultaneamente) que Winnicott vai chamar de ilusão. Por que ilusão? Porque, do ponto de vista da pessoa que teve a fantasia e encontrou o objeto fantasiado, foi ele quem criou o objeto; e para quem está de fora desse processo, isso não passa de uma ilusão. Pois bem, é esse processo que vai abrir as portas para que se desenvolva a famosa transicionalidade, onde vai haver uma espécie de perpetuação, em vários aspectos da vida, dessa sensação de estar criando e inventando a realidade encontrada.

O que quero ressaltar aqui é a importância da presença desse processo de ilusão para gerar significados pessoais e dar a importância aos diferentes níveis de realidade ou hiper-

## Conferências

realidade encontrada. É a conexão entre o mundo interno e a realidade não onipotente que dá importância à realidade ou hiper-realidade, e não ela por si mesma: a percepção da realidade externa, para ser verdadeiramente apropriada pelo *self*, é sempre atingida a partir das nossas fantasias, dos nossos olhos e de nossas ilusões. Nesse sentido, a realidade vai ser sempre compartilhada, e não algo percebido como exterior.

Quanto mais desenvolvida for nossa capacidade de ilusão, nossa capacidade transicional, mais fácil nossa inserção na cultura e na vida. E, cá entre nós, não temos um ótimo exercício de ilusão quando podemos jogar ou conversar, ou namorar com pessoas que existem ou não, numa realidade material que pode existir ou não, com um passado ou não, com um futuro, ou não? Não é a internet o palco maior das ilusões e, a partir daí, porta de entrada para outras realidades?

Claro que também podemos pensar no outro lado, nas patologias, nas inúmeras dificuldades ou características que o adolescente vai expor pela forma como utiliza a internet. Mas cabe aqui entendermos que não há muita diferença entre o processo de integração entre a nossa subjetividade e a realidade, seja ela a real, seja ela a virtual. Ou melhor, no processo de desenvolvimento da capacidade de ilusão de que estávamos falando, muitas vezes ocorrem desencontros entre a realidade e a fantasia, e, em vez de esse encontro promover a ilusão e a transicionalidade, pode gerar crianças ou jovens em que o funcionamento se dá predominantemente no modo da fantasia, enquanto outros vão funcionar predominantemente no modo da realidade.

Quando o indivíduo, ou alguns aspectos do indivíduo, funciona predominantemente no mundo da fantasia, não há a possibilidade de esses elementos criados internamente, que é a própria fantasia, poderem entrar em um processo simbólico. Muitos fatores podem para isso contribuir, desde a hipersensibilidade constitucional da criança para lidar com a realidade apresentada até traumas cumulativos provocados pela realidade frente a um bebê ainda sem condições de suportar tais estímulos, com rompimento prematuro (do ponto de vista do bebê) da unidade mãe/bebê etc. Nesses casos, há uma tendência a um funcionamento predominante na área da fantasia, e a própria realidade fica submetida à predominância da fantasia. Não há uma razoável integração entre aspectos do mundo da fantasia onipotente e a realidade, já que esta não obedece ao reino da onipotência. Não há uma razoável negociação. Aqui a fantasia é

## Conferências

forte, poderosa e gratificante, a ponto de poder rivalizar com uma determinada realidade colocada. Nesses casos, não existe o “como se”. As coisas são. Alguém não é percebido, por exemplo, *como se* não estivesse gostando do paciente. Não gosta dele. Isso é absoluto. Na transferência o terapeuta não representa alguém em função de um determinado aspecto. O terapeuta é esse alguém e sofre a reação devida a esse alguém. Nesse estado de funcionamento mental, as coisas não simbolizam outras, elas são outras.

Outra possibilidade de problemas na formação desse espaço potencial é que o indivíduo, ao contrário da situação anterior, funcione predominantemente no mundo da realidade. Falo nos casos em que o indivíduo vai se utilizar da realidade justamente como uma defesa contra o mundo da fantasia. Aqui são a fantasia e a imaginação que tendem a ficar empobrecidas e, conseqüentemente, levam o indivíduo a perder toda a sua vitalidade. A falta de negociação entre a fantasia e a realidade nesses indivíduos, que raramente passeiam pelo mundo dos sonhos, leva a uma superficialização de quase todos os aspectos afetivos da vida. São pessoas que se aproximam muito de números e têm uma facilidade para catalogar coisas e até mesmo sentimentos e afetos. São observadores agudos da realidade, percebem qualquer detalhe modificado no seu ambiente, mas geralmente não associam afetos a essas percepções. Enfim, ao contrário da situação anterior, são pessoas que também não transitam com facilidade pelo mundo da simbolização, mas, no caso, ficam presas à realidade, pouco se deixando contaminar pela vitalidade, graça e sensação de espontaneidade e autenticidade próprias do mundo da fantasia.

O que eu gostaria de colocar aqui é que, quando há dificuldades da formação da transicionalidade como as colocadas aqui, seja por um funcionamento predominantemente no mundo da fantasia, seja por um funcionamento predominantemente no mundo da realidade, essas dificuldades vão aparecer naquilo em que o adolescente vive, se comunica, brinca etc., que é o computador, o telefone etc. Assim, se o adolescente funciona no polo da fantasia, vai ser nesse polo que ele vai usar a tecnologia, em jogos virtuais por exemplo, onde vai sentir-se seguro de não ser invadido pela realidade. E o mesmo para aquele que funciona predominantemente na realidade, que poderá, por exemplo, ter centenas de amigos, viajar por todo o mundo, conhecer em profundidade várias realidades, também protegido por uma condição de anonimato, onde sua subjetividade está preservada. Mas o interessante é que nessas duas situações, a tecnologia, a realidade virtual, que inicialmente pode assegurar essa

## Conferências

dissociação entre a realidade e a fantasia, pode propiciar algo novo. Em um campo em que o jovem está assegurado de poder funcionar com essa dissociação (o que é muito melhor do que não funcionar), há sempre a chance de que algo novo aconteça. E o que seria o novo? Seria uma condição determinada propiciada pelo ambiente virtual em que o jovem se permita viver esboços de ilusão. A realidade virtual, pelas suas próprias características de propiciar a vivência da realidade natural e a hiper-realidade simultaneamente, está sempre oferecendo

## Referencias

Ogden, T.H. (1995). Sobre o espaço potencial. In *P.L.Giovacchini* (Org.), *Táticas e técnicas psicanalíticas: D.W.Winnicott*. (pp.79-95). Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D.W. (1993). Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Textos selecionados da pediatria à psicanálise* (pp269-285). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1945).